

Sinhô, o Rei do Samba:

apontamentos para a genealogia do compositor José Barbosa da Silva (1887- 1930)

Sinhô, the King of Samba: notes on the genealogy of composer José
Barbosa da Silva (1887–1930)

Antônio Seixas
Doutor em História - Universo.
antonioseixasadv@gmail.com

RESUMO: O Rio de Janeiro foi o cenário do surgimento do samba urbano, no final do século XIX e início do século XX. Nos anos 1920, José Batista da Silva (J. B. Silva), o Sinhô, destacou-se na cena musical carioca com os seus sambas, cantados no carnaval, no teatro de revista, nos clubes, no rádio e nos salões. A pesquisa genealógica, a partir do método onomástico, em assentos no Arquivo Nacional e no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, complementada pela consulta aos periódicos da coleção da Biblioteca Nacional, nos permitiu estudar a vida de Sinhô, inclusive, corrigindo informações reiteradas por biógrafos e pesquisadores da Música Popular Brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Samba; Sinhô; Genealogia.

ABSTRACT: Rio de Janeiro was the scene of the emergence of urban samba in the late 19th and early 20th centuries. In the 1920s, José Batista da Silva (J. B. Silva), known as Sinhô, stood out on the Rio de Janeiro music scene with his sambas, sung at Carnival, in musical theater, in clubs, on the radio, and in dance halls. Genealogical research, using the onomastic method, in the National Archives and in the Archives of the Metropolitan Curia of Rio de Janeiro, supplemented by consultation of periodicals from the National Library collection, allowed us to study Sinhô's life, including correcting information reiterated by biographers and researchers of Brazilian Popular Music.

KEYWORDS: Samba; Sinhô; Genealogy.

Introdução

A Cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX e início do século XX, foi o cenário para o surgimento do choro, do maxixe e do samba urbano, do primeiro samba gravado (1917) e da agremiação carnavalesca Deixa Falar (1927), considerada precursora das escolas de samba. Neste contexto, conforme Vasconcelos (1977), a história da Música Popular Brasileira pode ser dividida em três períodos, a partir das trajetórias musicais de Ernesto Nazareth (1893-1917), Sinhô (1918-1930) e Noel Rosa (1930-1937).

José Barbosa da Silva, que geralmente assinava as suas composições como J. B. Silva, entrou para a história com o apelido “Sinhô”. Em 1907, foi um dos fundadores do rancho Ameno Resedá, o primeiro a incorporar instrumentos de sopro em seus cortejos, tornando-se depois o seu Mestre de Harmonia (Efegê, 2009). Foi ainda membro da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – SBAT e um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Compositores Musicais (1928).ⁱ É o autor do sucesso “Jura” (1926), gravado por Mário Reis (1928, 1951 e 1965), Aracy Cortes (1928) e Zeca Pagodinho (2000), quando se tornou a canção-tema da novela *O Cravo e a Rosa* (2000-2001), produzida e exibida pela Rede Globo de Televisão.

Sinhô é ainda hoje um personagem pouco estudado. A pesquisa na base de dados da Biblioteca Nacional indicou a existência apenas da obra de Alencar (1981). Já no catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, encontramos somente a dissertação de mestrado de Monteiro (2010), que se baseou nas informações encontradas naquele livro. A obra de Alencar (1981) serviu também de referência para Gardel (1996), Vasconcellos (1985), Albin (2003) e Severino (2008), pesquisadores da história da Música Popular Brasileira. Dessa forma, consideramos o livro *Nosso Sinhô do Samba* como a única fonte biográfica disponível sobre o compositor.

Durante o processo de escrita da obra, que tem as composições de Sinhô

com fio condutor da narrativa, o autor lançou mão de notícias de jornais e revistas, de obras de memorialistas e de depoimentos de amigos e parentes, a exemplo de Ida Barbosa Nascimento (filha), Hercília Barbosa Campos (sobrinha) e Maria Barbosa da Silva (cunhada).

Em nosso artigo, os dados biográficos apresentados por Alencar (1981) e repetidos por outros pesquisadores foram confrontados com as informações obtidas nos assentos dos registros civil e paroquial, consultados no Arquivo Nacional e no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Recorremos, ainda, à coleção de periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional. Para o levantamento dos dados, adotamos o método onomástico, que utiliza o nome como fio condutor da pesquisa, por exemplo, em registros públicos e autos de processos judiciais, procurando identificar o contexto, a trama social que envolvia o sujeito estudado dentro de um recorte temporal e espacial preciso (Ginzburg; Poni, 1989).

A pesquisa sobre a vida de Sinhô nos permitiu também conhecer um pouco do que se convencionou chamar de Belle Époque carioca (1900-1930), indo além da cidade apresentada por Maul (1967), a da Confeitaria Colombo e da Livraria Garnier; do Theatro Municipal e de seu Salão Assírio; da moda das conferências literárias; dos versos de Catulo da Paixão Cearense (1863-1946), das crônicas de João do Rio (1881-1921) e dos romances de Lima Barreto (1881-1922).

A Belle Époque carioca foi um período contraditório, pois, ao lado do ideal de “civildade” europeu e de práticas da modernidade, que eliminou vestígios da cidade colonial, a exemplo do soterramento do Cais do Valongo e da abertura da Avenida Central, a reforma urbana promovida pelo Prefeito Pereira Passos (1903-1906) atingiu diretamente as condições de vida da grande massa popular que vivia na região central, como a proibição do comércio ambulante, a perseguição aos moradores em situação de rua e a demolição dos cortiços, resultando no crescimento

acelerado do subúrbio e da Zona Norte. Aos mais pobres, restaram os morros, a exemplo do Morro da Providência, onde foram morar os soldados que regressaram da campanha de Canudos (Benchimol, 1992).

Soihet (2008) demonstrou como a preocupação da elite carioca com a modernização e higienização da cidade interferiu também nas manifestações populares, a exemplo da Festa da Penha e do Carnaval. Foram proibidos ranchos, blocos e rodas de batucada, na Penha, com o emprego de policiais e praças do Exército, sob o argumento de garantir a ordem pública durante os festejos, reprimindo capoeiras, batuques e sambas. O Carnaval também foi reprimido, sendo visto como um ato civilizacional a extinção dos cordões (surgidos nos últimos anos do século XIX). E as agremiações carnavalescas passaram a ter que submeter seus estatutos, diretoria e relação de membros a aprovação do Chefe de Polícia. A mudança no cenário começou nos anos 1920, como resultado da resistência imposta pelos populares e pela influência do movimento modernista, que valorizava a mestiçagem e a cultura de matriz afrobrasileira, resultando na transformação do samba carioca em símbolo da nacionalidade, depois da Revolução de 1930 (Vianna, 2007).

A família Barbosa da Silva e sua rede de parentesco

A partir dos assentos, ficamos sabendo que Ernesto Barbosa da Silva, operário, natural do Rio de Janeiro, nascido por volta de 1857, filho de Luís Barbosa e de Maria da Conceição, foi casado com Gracelina do Amaral, natural do Rio de Janeiro, nascida por volta de 1869, filha de Francisco do Amaral Botelho e de Catarina, que passou a se chamar Gracelina Barbosa da Silva. O casal teve, pelo menos, oito filhos:

I. Francisco Barbosa da Silva, nascido na Rua do Riachuelo, n.º 90, a 28 de novembro de 1884, batizado na Igreja de Santo Antônio dos Pobres, a 20 de janeiro de 1887.ⁱⁱ Praça do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal. Manteve uma

união estável com Maria Martins de Souza, portuguesa, nascida em 1887, filha de Damião Nunes Moreira e de Emília Martins de Souza. Faleceu, na Rua São Sebastião, no Morro do Castelo, a 26 de setembro de 1918, sepultado no Cemitério São João Batista.ⁱⁱⁱ Pais de:

I.1 Hercília Barbosa da Silva, nascida na Travessa São Sebastião, n.º 15, a 30 de novembro de 1906,^{iv} batizada na Igreja de São José, a 15 de dezembro de 1907.^v

I.2 Nadir Barbosa da Silva, nascida na Rua Visconde da Gávea, n.º 65, a 14 de agosto de 1910,^{vi} batizada, na Igreja de São José, a 6 de janeiro de 1912.^{vii}

I.3 Dilva Barbosa da Silva, nascida na Travessa São Sebastião, n.º 38, a 28 de fevereiro de 1914,^{viii} batizada na Igreja de São José, a 24 de junho de 1914.^{ix}

I.4 Ivete Barbosa da Silva, nascida na Rua do Senado, n.º 128, a 31 de janeiro de 1917,^x batizada na Igreja de São José, a 20 de julho de 1919.^{xi}

II. José Barbosa da Silva (Sinhô), nascido na Rua do Riachuelo, n.º 90, a 8 de setembro de 1887, batizado na Igreja de Santo Antônio dos Pobres, a 22 de novembro de 1887.^{xii}

III. Dolores Barbosa da Silva, nascida na Rua do Riachuelo, n.º 90, a 31 de março de 1890, batizada na Igreja de Santo Antônio dos Pobres, a 8 de setembro de 1890.^{xiii}

IV. Waldemar Barbosa da Silva, nascido na Rua do Riachuelo, n.º 90, a 3 de julho de 1894,^{xiv} batizado na Igreja de Santo Antônio dos Pobres, a 16 de setembro de 1894.^{xv}

V. Ernesto Barbosa da Silva Filho, de cor parda, nascido na rua do Riachuelo, n.º 90, a 7 de agosto de 1895.^{xvi} Pintor. Casou-se a 18 de junho de 1921, na Igreja de São José, com Maria Antônia Corrêa, portuguesa, nascida em 1889, filha de Pedro Corrêa e de Ana Bernarda da Costa.^{xvii} Faleceu, na Rua Itapirú, 147, casa 6, a 23 de março de 1929, deixando viúva e um filho, sepultado no Cemitério São Francisco Xavier.^{xviii} Pais de:

V.1 Walter Barbosa da Silva, nascido na Rua do Cunha, n.º

16, a 20 de maio de 1922.^{xix}

VI. Natimorto, de cor branca, nascido na do Riachuelo, n.º 90, no Rio de Janeiro, a 1.º de novembro de 1897, entregue para a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.^{xx}

VII. Felisberto Barbosa da Silva, cor morena, nascido na Rua do Riachuelo, n.º 90, a 1.º de novembro de 1897,^{xxi} batizado na Igreja de Santo Antônio dos Pobres, a 12 de dezembro de 1897.^{xxii} Faleceu, na Rua do Riachuelo, n.º 90, a 13 de dezembro de 1897, sepultado no Cemitério São Francisco Xavier.^{xxiii}

VIII. Gracelina Barbosa da Silva, de cor parda, nascida na Rua do Riachuelo, n.º 90, a 30 de julho de 1899,^{xxiv} batizada na Igreja de Santo Antônio dos Pobres, a 13 de janeiro de 1900.^{xxv}

Pesquisando sobre a família materna de Sinhô, acreditamos ter identificado o seu avô. Os pais dele moravam na Rua do Riachuelo, 90, e na mesma rua, no n.º 51, faleceu, em 1892, o negociante português Francisco do Amaral Botelho:

Aos vinte e seis dias do mês de maio de mil oitocentos e noventa e dois, nesta Quinta Pretoria da Capital Federal, compareceu Pedro Santos Pereira [...] declarou que na rua do Riachuelo, número cinquenta e um, hoje, às doze horas da noite faleceu [...] seu amigo Francisco do Amaral Botelho, com cinquenta e quatro anos de idade, casado com quem ele declarou ignorar, negociante, natural de Portugal, filho de pais que também ignora, deixa cinco filhos e não sabe se deixou testamento e vai ser sepultado no Cemitério da Ordem Terceira do Carmo.^{xxvi}

A consulta ao Almanak Laemmert revelou que Francisco do Amaral Botelho foi proprietário do Café Recreio da Prainha, com bilhar, na Rua de São Bento, 58,^{xxvii} e membro atuante da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo.^{xxviii} Pode-se imaginar que deixou viúva e

filhas legítimas e ilegítimas que não se davam bem, já que encontramos nas páginas do jornal Gazeta de Notícias convite para a missa de sétimo dia feito por Thereza do Amaral Botelho, Delfina do Amaral Maia, Clementina do Amaral Carvalho, José Rodrigues Maia e Jacinto de Carvalho, que se apresentam como viúva, filhas e genros dele.^{xxix} A confirmar a nossa hipótese, o convite para missa de trigésimo dia publicado no mesmo periódico por quem se afirmava ser filha legítima:

João Guilherme Alves, sua mulher Valentina do Amaral Alves, Francisco José da Cunha, sua mulher Leonor do Amaral Cunha, genros e filhas (legítimas) do finado Francisco do Amaral Botelho convidam a viúva e mais parentes e amigos do falecido a assistirem a uma missa do trigésimo dia, que por sua alma lhes mandam rezar, amanhã 27 do corrente, na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, às 9h, ficando desde já sumamente agradecidos por este ato de religião e caridade.^{xxx}

Ao se cruzar as informações constantes no óbito de Francisco do Amaral Botelho com as obtidas nos jornais, podemos considerar que Sinhô teve quatro tias maternas: Delfina do Amaral Maia (casada com José Rodrigues Maia), Clementina do Amaral Carvalho (casada com Jacinto de Carvalho), Valentina do Amaral Alves (casada com João Guilherme Alves) e Leonor do Amaral Cunha (casada com Francisco José da Cunha).

O fato da avó materna Catarina não ter sobrenome mencionado nos registros dos netos nos leva a considerar a hipótese de sua origem afro-brasileira. O silêncio decorreria, provavelmente, do fato da família Barbosa da Silva ser qualificada ou identificar-se ora como parda ora como branca, evidenciando uma tentativa de distanciamento da escravidão. Nos assentos dos gêmeos, nascidos em 1897, o natimorto foi registrado como branco e o que sobreviveu por poucos dias, como moreno. Ernesto Filho, registrado, ao nascer, como pardo, foi descrito por seu irmão Sinhô, em

1929, como branco:

Aos vinte e três de março de mil novecentos e vinte e nove, nesta Capital Federal e neste Cartório, compareceu José Barbosa da Silva, brasileiro, de quarenta e dois anos, músico e residente à rua Itapirú, cento e quarenta e sete, casa seis, e exibindo o atestado de óbito [...] declarava: Ernesto Barbosa da Silva, de trinta e seis anos, cor branca, sexo masculino, casado, operário, natural desta Capital, filho de Ernesto Barbosa da Silva e de Gracelina Barbosa da Silva, domiciliado e falecido à casa acima, em consequência de trombose pulmonar, [...]. Pelo declarante foi dito que o finado era casado com Maria Barbosa da Silva, não deixou bens, deixa um filho. [...].^{xxxi}

Os registros nos levam a considerar que a família Barbosa da Silva se via socialmente embranquecida, condição que seria reforçada pelos casamentos interraciais com mulheres brancas. É que a adaptação de negros e pardos à sociedade brasileira branca dependia da adoção de um “processo sistemático de embranquecimento” (Fernandes, 1972, p. 16), passando por arranjos matrimoniais estratégicos, visto que “o simples casamento com indivíduo mais claro já satisfaz o mais escuro. Ter descendentes mais claros é motivo de orgulho” (Ianni, 1972, p. 123).

Sinhô e seus irmãos Francisco e Ernesto, pardos, uniram-se, no início do século XX, a portugueses pobres que imigraram para o Rio de Janeiro, evidenciando uma mobilidade social horizontal, pois permaneceram na pobreza, mas seus filhos ascenderam à condição de brancos:

Ernesto Barbosa da Silva Filho [...] declarou que na casa acima referida no dia vinte do corrente mês e ano, às dezesseis horas e trinta minutos, nasceu uma criança de cor branca, do sexo masculino a qual deu o nome de Walter, filho legítimo do declarante e de Maria Antônia

Corrêa, natural de Portugal [...].^{xxxii}

José Barbosa da Silva [...] casado há onze meses na Décima Terceira Pretoria desta Capital com Henriqueta Ferreira da Silva, natural de Portugal [...] declarou que sua esposa deu à luz no dia dezoito do corrente mês às oito e meia horas da noite a um inocente do sexo masculino, de cor branca, que se chama Durval [...].^{xxxiii}

Francisco Barbosa da Silva [...] declarou que no seu referido domicílio na manhã trinta de novembro do corrente ano às doze e meia nasceu uma criança do sexo feminino, de cor branca, que chama Hercília, que é filha natural dele declarante e de Maria Martins de Souza, natural de Portugal, com dezenove anos, solteira, [...].^{xxxiv}

O sistema de classificação racial brasileiro é complexo, diante da utilização cotidiana dos termos mulato, pardo, crioulo, preto, negro, moreno claro, pardo disfarçado, trigueiro, cabra, caboclo etc., desde os tempos coloniais, opondo-se, por exemplo ao sistema norte-americano, pautado na polarização negros x brancos. O próprio vocábulo “pardo” abriria uma possibilidade de “negociação racial” (Santos, 2005). No período colonial, e mesmo durante o século XIX, o termo “pardo” não era usado apenas como cor da pele, mas como forma de registrar uma diferenciação social, “todo escravo descendente de homem livre (branco) tornava-se pardo, bem como todo homem nascido livre, que trouxesse a marca de sua ascendência africana – fosse mestiço ou não”. Assim, “o qualificativo “pardo” sintetizava, como nenhum outro, a conjunção entre classificação racial e social no mundo escravista” (Castro, 1995, p. 34-35).

No Rio de Janeiro, na virada do século XIX para o século XX, o perfil da população urbana pobre abrangia tanto brancos, quanto negros e pardos, que acabavam recorrendo aos serviços da Santa Casa de Misericórdia. A grande maioria dos enjeitados entregues à Roda dos Expostos provinha de

famílias brancas, que alegavam falta de recursos financeiros para cuidar dos filhos, seguido pelos pais de mestiços, sendo raros os expostos negros (Venâncio, 1999).

A família Barbosa da Silva era parda, livre, pobre e vivia na Rua do Riachuelo, antigo Caminho de Mata-Cavalos, na Lapa, a via mais utilizada por quem ia do Centro para São Cristóvão, onde, desde 1870, funciona o Hospital da Ordem do Carmo. Entre seus moradores, o General Osório, nela falecido, em 1879, e a personagem Capitu, criada, em 1899, por Machado de Assis (Gerson, 1965).

A Rua do Riachuelo pertencia à Freguesia de Santo Antônio dos Pobres, e concentrava várias casas de retalhos e indústrias, além do plano inclinado da Empresa Ferro-Carril Santa Teresa, inaugurado em 1877 (funcionou até 1926), cuja estação ficava no n.º 89-A, junto à Ladeira do Castro, próxima à casa da família Barbosa da Silva (Santos, 1965).

Pelos assentos do registro civil, ficamos sabendo que Ernesto Barbosa da Silva trabalhava como pintor, profissão seguida por seus filhos Sinhô e Ernesto:

Aos três dias do mês de novembro de mil oitocentos e noventa e sete, nesta Capital e Cartório, compareceu Ernesto Barbosa da Silva, brasileiro, natural desta Capital, de trinta e nove anos de idade, pintor, morador à Rua do Riachuelo, noventa [...].^{xxxv}

Aos quinze dias do mês de setembro de mil novecentos e oito, nesta Capital Federal em meu cartório compareceu José (Barbosa) da Silva, com vinte e um anos de idade, natural desta Capital, pintor, casado, morador na rua Correa Dutra, noventa e cinco (Catete), exibindo, digo, na presença das testemunhas [...].^{xxxvi}

Aos vinte e dois dias do mês de maio de mil novecentos e vinte e dois, nesta Capital e em meu cartório compareceu Ernesto Barbosa da Silva Filho, natural desta Capital, com vinte e oito anos de idade, casado, pintor, sabendo ler e escrever, morador à Rua do Cunha, dezesseis (Catumbi) [...].^{xxxvii}

José Barbosa da Silva, o Sinhô

Os dados biográficos disponíveis sobre a vida de Sinhô são os coligidos por Alencar (1981), a quem os pesquisadores da história da Música Popular Brasileira recorrem com frequência. Lançamo-nos, então, aos arquivos a fim de saber um pouco mais sobre a vida do compositor.

I – Infância e Juventude

Enquanto Barbosa (1933) limitou-se a afirmar que Sinhô nasceu no Morro do Castelo, Tinhorão (1972), sustentou que ele nasceu a 18 de setembro de 1888. Alencar (1981), baseado em informações de parentes de Sinhô, considera que o compositor nasceu a 8 de setembro de 1888. Ao contrário do afirmado pelos biógrafos, Sinhô nasceu a 8 de setembro de 1887, como atesta o seu assento de batismo na Igreja de Santo Antônio dos Pobres:

Aos vinte e dois dias do mês de novembro de mil oitocentos e oitenta e sete, nesta Matriz de Santo Antônio, batizei solenemente a José, nascido aos oito de setembro do corrente ano, filho legítimo de Ernesto Barbosa da Silva e Graceliana Barbosa da Silva. Foram padrinhos José Rodrigues Maia e Clementina Amaral Botelho.^{xxxviii}

O assento de batismo de Sinhô nos informa que os seus padrinhos foram escolhidos dentro do ambiente doméstico, sendo a tia materna Clementina Amaral Carvalho e o seu tio emprestado José Rodrigues Maia, casado com sua tia materna Delfina do Amaral Maia. A busca no Almanak Laemmert

revelou que, durante a infância de Sinhô, seu padrinho foi sócio de firma estabelecida no Beco das Cancelas, no Centro, que vendia bilhetes de loteria, estampilhas e selos postais.^{xxxix}

Quando Sinhô nasceu o Imperador Dom Pedro II, já envelhecido e enfraquecido, realizava sua terceira e última viagem ao exterior (1887-1888), enquanto as agitações em prol da abolição da escravidão e do fim da monarquia estavam nas ruas. Nas páginas dos jornais, críticas o acusavam de fugir dos problemas políticos, entregando o governo à Regente Princesa Isabel. A pressão pela abolição só aumentava, levando o Gabinete João Alfredo a aprová-la de forma rápida e sem indenização, em 1888. A monarquia colhia assim os louros da abolição e José do Patrocínio divulgava a imagem de “Isabel, a Redentora”. A perda de apoio dos cafeicultores representou o fim do último pilar que sustentava o Império e, pouco depois, um golpe militar derrubou a monarquia (Schwarcz, 1998).

O Rio de Janeiro da infância e juventude de Sinhô foi marcado pelo aumento de sua população negra urbana. Em 1906, era o único município no país com mais de 500 mil habitantes. O crescimento populacional estava ligado, principalmente, à migração de libertos da zona rural para a urbana e à intensificação da imigração. Assim, a classe trabalhadora carioca era formada basicamente por ex-escravizados e imigrantes. Os portugueses eram a grande maioria entre os estrangeiros, no século XIX, e a falta de trabalho e a estagnação econômica em Portugal, contribuíram para a continuação do fluxo imigratório no início do século XX (Chalhoub, 1986).

Não havendo qualquer política pública de inserção social ou ao mercado de trabalho, o pós-abolição representou um inchaço dos centros urbanos de um contingente de ex-escravizados sem qualificação para ofícios urbanos. A solução dada pela República brasileira foi a criminalização dos vadios (artigo 399 do Código Penal de 1890), prevendo penas mais rígidas do que as do tempo da escravidão (artigo 295 do Código Criminal do Império de 1831). Vale destacar que o Capítulo XIII do Livro III do Código

Penal de 1890 tratava dos vadios e capoeiras (artigos 399 a 404), o que nos permite compreender quais os indivíduos que a codificação penal objetivava punir.

A explosão populacional no então Distrito Federal agravou as condições sanitárias na cidade e gerou uma crise da moradia popular. Além disso, a decadência do Vale do Paraíba fluminense, no final do século XIX, com o esgotamento do solo e a abolição do trabalho escravo, fez com que o Rio de Janeiro deixasse de ser o principal porto exportador de café (substituído pelo Porto de Santos). O Rio de Janeiro tornou-se, então, porta de entrada para uma grande quantidade de produtos destinados ao consumo e de exportação dos produtos das fábricas surgidas no contexto da política de Encilhamento, destacando-se a indústria de fiação e tecelagem, que absorveu boa parte da mão de obra estrangeira. A reforma empreendida pelo Prefeito Pereira Passos, entre 1902 e 1906, resultou na modernização do porto, na abertura de avenidas e na expulsão da população pobre do centro urbano para o subúrbio carioca (Benchimol, 1992).

II – Casamento, descendentes e início da carreira

Sinhô se casou, aos 17 anos, perante o juízo da 13.^a Pretoria Cível do Rio de Janeiro, a 8 de junho de 1904, com a portuguesa Henriqueta de Jesus Ferreira, de 22 anos:

Aos oito dias do mês de junho de mil novecentos e quatro em sala de audiências do juízo da Décima Terceira Pretoria, se achando o Doutor Sub Pretor em exercício José N. de Almeida Pinto, no impedimento do Doutor Juiz Pretor, ali a meia hora depois de meio dia, presentes as testemunhas Francisco Miguel de Carvalho e José Mendonça de Menezes, receberam-se em matrimônio com as formalidades legais e pelo regime da comunhão de bens, José Barbosa da Silva, solteiro, natural desta Cidade, operário, de dezessete anos de idade, filho

legítimo de Ernesto Barbosa da Silva e de Graceliana Barbosa da Silva, residente na Rua Augusta, número trinta e um, e Henriqueta de Jesus Ferreira, natural de Portugal, de vinte e dois anos, solteira, de profissão doméstica, filha legítima de Antônio José Ferreira e Margarida Augusta de Sousa Ferreira, ambos falecidos, e ela residente à rua Vista Alegre, número quinze.^{xi}

No assento de batismo do filho Jayme Barbosa da Silva, datado de abril de 1912,^{xli} consta a informação de que Sinhô e Henriqueta foram casados apenas no civil, o que explicaria não termos localizado o registro do casamento religioso. Tinhorão (1972) e Alencar (1981) afirmam que dessa união nasceram três filhos: Durval, Ida e Odalis. Certo é que Sinhô se casou com Henriqueta, quando ela já estava grávida do primeiro filho, tendo ainda mais dois, porém os registros nos mostram que os biógrafos erraram o nome do filho caçula:

I. Durval Barbosa da Silva, nascido na Praça do Castelo, n.º 5, Morro do Castelo, a 18 de dezembro de 1904.^{xlii}

II. Ida Barbosa da Silva, nascida na Rua Correia Dutra, 45, Flamengo, a 4 de julho de 1907, mas registrada como nascida a 14 de setembro de 1908,^{xliii} depois de batizada na Igreja de São José, a 12 de julho de 1908.^{xliv} Casou-se, no Rio de Janeiro, a 22 de novembro de 1930, com Manoel Alves Nascimento, fluminense, do comércio, nascido em 1904, filho de Vicente Alves do Nascimento e Amália Rosa do Nascimento, quando passou a assinar Ida Barbosa Nascimento.^{xlv} Faleceu, na Rua Leopoldina Rego, em Olaria, a 6 de fevereiro de 1997, deixando cinco filhos.^{xlvi}

III. Jayme Barbosa da Silva, nascido a 20 de agosto de 1910, e batizado na Igreja de São José, a 22 de abril de 1912.^{xlvii}

Poucos meses antes de nascer a sua primeira e única filha, Sinhô participou, na ilha de Paquetá, do piquenique, a 17 de fevereiro de 1907,

em que se fundou o rancho Ameno Resedá, que se constituía, basicamente, de funcionários públicos (Alfândega, Imprensa Nacional, Tesouro Nacional, Correios, Casa da Moeda e Prefeitura do Distrito Federal) e operários do Arsenal da Marinha. Além de fazer parte da orquestra do rancho, tocando flauta e violão, Sinhô participava dos cortejos carnavalescos e ainda animava os bailes e domingueiras dançantes realizadas na sede da Rua Correia Dutra, n.º 131 (Efegê, 2009).

Alencar (1981) informa que Sinhô se separou de fato de Henriqueta, que teria falecido em 1914, tendo vivido depois com Cecília, pianista da Casa Beethoven, com a prostituta Carmem e com Nair Moreira, que era casada e passou a morar com ele na Ilha do Governador. Nesse meio tempo, teriam falecido os filhos Durval e Jayme.

O período entre o nascimento do último filho (1912) e a gravação do primeiro samba por Donga (1917), Sinhô deixou a profissão de pintor, passando a trabalhar como pianista de gafieira nos clubes dançantes e nas sociedades carnavalescas da região da Cidade Nova:

SOCIEDADE D. C. FLOR DE ABACATE. Sede: Rua do Catete, 157. Hoje, sábado, 13 do corrente, grandioso festival em benefício do nosso pianista José Silva (Sinhô). N. B. – Extrair-se-á a nossa tombola com o 1.º prêmio da loteria nacional, não dando o mesmo direito ao baile por este motivo. O Secretário. Não há falas.^{xlvi}

CONGRESSO DOS BOÊMIOS. Sede: rua Uruguaiana, n. 107. Hoje, 20 de dezembro de 1913, Grande Baile em Benefício, em homenagem ao prezado – exímio pianista Sinhô. N. B.: Tomarão parte, para realçar esta festa, os seguintes chorões: [...] e em seguida executará ao piano o Sr. J. Silva (Sinhô), o tango “Está errado”, oferecido pelo autor ao sr. S. Bilhar – A diretoria.^{xli}

S. D. F. TOMA ABENÇA A VOVÓ. Sede rua Senador Eusébio, 146. O Vovozinho tem a amabilidade de convidar suas netinhas e netinhos para a “soirée” de hoje e amanhã grande surpresa do choro das cordas regido pelo nosso estimado pianista Sinhô. O Secretário. Deus Abençoe.ⁱ

S. D. F. FIDALGOS DA CIDADE NOVA. Sede: rua Sant’Anna, 55. Hoje grande baile em homenagem ao Grupo do Lá-lá-lá com o concurso do nosso exímio pianista Sinhô. Supresa pelo choro, do nosso amigo Chico Bandurra. Música! Flores! e a alegria! Secretário, NÃO VAI ASSIM.ⁱⁱ

C. D. C. AÇUCENA DO AMOR. Rua General Roca, 99. Domingo, 31: Grande feijoada para finalizar o Ano Velho, principiando às 2 horas da tarde, acompanhada por um grande choro de cordas sob a batuta do Sinhô.ⁱⁱⁱ

S. D. F. KANANGA DO JAPÃO. JARRA: Senador Eusébio, 44. Hoje e amanhã dois bailes com mil surpresas pelo grupo do Peso sob a batuta do sempre querido Sinhô – O secretário PAIVA.ⁱⁱⁱⁱ

Aos 30 anos, Sinhô não só frequentava as gafieiras na região da Cidade Nova, que tinha como centro a Praça Onze, mas também as rodas de samba na casa de Tia Ciata (1854-1924), na Rua Visconde de Itaúna, onde se reuniam com regularidades diversos sambistas para compor e tocar. As casas das tias baianas eram espaços de confraternização e de resistência cultural, em uma época em que o samba era perseguido: enquanto na sala os mais velhos tocavam sambas de partido; no quintal, os mais moços promoviam rodas de batuque (Moura, 1995). Sinhô figura entre os envolvidos na polêmica com Donga e a gravação de “Pelo Telefone”, em 1917, pois se a letra era uma obra coletiva dos frequentadores da casa de Ciata, o arranjo seria obra exclusivamente sua:

FALA GENTE!...

Do Grêmio Fala Gente recebemos a seguinte nota: Será cantado, domingo, na Avenida Rio Branco, o verdadeiro tango “Pelo Telefone”, dos inspirados carnavalescos o imortal João da Mata, e mestre Germano, a nossa velha amiguinha Ciata e o inesquecível bom Hilário: arranjo exclusivamente do bom e querido pianista J. Silva (“Sinhô”), dedicado ao sempre lembrado amigo Mauro, “repórter” da “Rua”, em 6 de agosto de 1916, dando ele o nome de “Roceiro”.^{liv}

Em 1918, surge o primeiro samba gravado por Sinhô: “Quem são eles?”, oferecido ao Grupo Quem são eles?, do Clube dos Fenianos, no carnaval daquele ano.^{lv} No ano seguinte, foi a vez de dedicar os sambas “Confessa meu bem...”, considerada a música de maior sucesso no carnaval de 1919, e “Cada um por sua vez” ao Clube dos Democráticos.^{lvi}

Os clubes Fenianos e Democráticos foram sociedades carnavalescas fundadas nos anos de 1860, que aderiram a causa abolicionista, inclusive comprando alforria de escravizados, o que demonstra que as primeiras agremiações carnavalescas não separavam as suas atividades da crítica social e política. Durante quase um século, os desfiles das grandes sociedades (Tenentes do Diabo, Fenianos e Democráticos) foram o momento mais importante do carnaval carioca, tendo as atuais escolas de samba herdado delas a tradição dos carros alegóricos (Valença, 1996).

Se a composição “Quem são eles?” foi considerada uma provocação por rivais do compositor (Pixinguinha, Donga e Hilário Jovino) envolvidos na polêmica sobre a autoria de “Pelo Telefone” (Alencar, 1981; Severino, 2008), acabou sendo motivo para Sinhô recorrer à Justiça. É que ele entrou com uma ação alegando que a sua obra foi plagiada por João Medeiros, no samba “Ela lá e eu aqui”, editada pela Casa Bevilacqua. Resultado: a Justiça determinou o recolhimento do plágio, sendo a medida cumprida por oficiais de justiça da 2.º Vara Criminal do Distrito Federal.^{lvii}

Ao fim da carreira, a discografia de Sinhô compreendia 68 músicas (Vasconcelos, 1985), entre sambas, sambas carnavalescos, maxixes, marchas e valsas, gravadas por nomes como Francisco Alves (1898-1952), Mário Reis (1907-1981), Aracy Cortes (1904-1985), Vicente Celestino (1894-1968) e Altamiro Carrilho (1924-2012).

III – Os anos de 1920 e a Morte do Rei do Samba

Em fins dos anos 1920, havia dois tipos de samba no Rio de Janeiro: o tocado nas casas das tias baianas e o surgido no Estácio (Sandroni, 2001), mas “foi ouvindo as músicas de Sinhô que o Brasil aprendeu a gostar de samba” (Severino, 2008, p. 74). Ao longo da década de 1910 encontramos Sinhô frequentando a casa de tias baianas, compondo os seus primeiros sambas, trabalhando como músico e regendo orquestras em eventos da elite carioca:

Realiza-se domingo próximo nas Paineiras um elegante “pic-nic” organizado por Mlle. Iracema Freire. Abrilhanará essa linda festa que terá o comparecimento de distintas senhoritas e cavalheiros do nosso escol social, uma harmoniosa orquestra sob a regência do maestro José Silva (Sinhô).^{lviii}

O Rio de Janeiro dos anos 1920 era uma cidade “cheia de politicagem, pensões alegres, batucadas no morro e clubes dançantes”, onde Sinhô já vinha se destacando como pianista de gafieiras (Rangel, 2007). Ocorre que, no período entre 1918 e 1928, quando a carreira musical de Sinhô se desenvolveu, a música vivia um momento de transição: se, até 1917, não se fazia música para carnaval, em 1929, surge uma nova geração de cantores formada pelo rádio, dando início a chamada Época de Ouro (1929-1945), com Ary Barroso (1903-1964), Lamartine Babo (1904-1963), Noel Rosa (1910-1937), Ismael Silva (1905-1978) e Cartola (1908-1980), compositores que estabeleceram padrões para o samba urbano,

liberando-o da herança do maxixe (Severino, 2008).

Ao longo dos anos 1920, a fama de fazedor de sucessos levou Sinhô a ter influência nas gravadoras que se instalaram no Rio de Janeiro, além de ser apontado como o nome forte do Teatro de Revista (Giron, 2001). Nessa época, o teatro musicado alcançou o seu auge, graças aos bons comêdicos, à atração exercida sobre o público por belas atrizes, sendo Aracy Cortes, uma de suas maiores estrelas, e ao aproveitamento do que havia de melhor da Música Popular Brasileira, sendo Sinhô o mais requisitado. Já no início dos anos 1930, com a popularização do rádio e do cinema falado, o Teatro de Revista entrou em decadência (Severino, 2008).

Os jornais cariocas, entre 1920 e 1930, deram divulgação a vários espetáculos de teatro musicado, nos palcos no entorno da Praça Tiradentes (Teatro São José, Teatro Carlos Gomes e Teatro Recreio), com músicas de Sinhô:

“Quem é bom já nasce feito” – É na próxima terça-feira que teremos, afinal, em “première”, as representações da nova revista de Carlos Bittencourt e Cardoso de Menezes, “Quem é bom já nasce feito”, com música de J. B. Silva (Sinhô), acomodada à peça pelo maestro Bento Mossorunga.^{lix}

No próximo dia 20 do corrente, realiza-se no popular teatro São José um grandioso festival promovido pelo ensaiador desse teatro, Isidro Nunes, e pelo popular compositor J. B. Silva (Sinhô). O espetáculo, que é uma homenagem à empresa Paschoal Segreto e à companhia de teatro S. José promete ser deveras interessante. Haverá um magnífico programa, do qual podemos citar a cooperação do Bloco dos Africanos, composto de 32 figuras, que executará as últimas novidades do carnaval de 1921; o Grupo das Pastorinhas de Jerusalém,

composto de 40 personagens, e um ato variado em que tomam parte os melhores elementos dos nossos teatros.^{lx}

“Vou me Benzê” – Agradou bastante, no S. José, a nova revista do sr. J. Miranda, Vou me Benzê, para a qual o já famoso musicista popular sr. J. B. Silva (Sinhô) compôs alguns números de música, como todo o seu repertório, interessantemente carnavalesco.^{lxi}

“Café com Leite”, que a empresa Paschoal Segreto apresentou ontem, no São José, com montagem primorosa que concorreram Jayme Silva e H. Coulomb com cenários magníficos, é de Freire Júnior e tem música não só de sua autoria, como de J. B. da Silva, o Sinhô.^{lxii}

Entrou em ensaios de apuro, no Teatro Carlos Gomes, a burleta-revista “Quem fala de nós...”, original dos escritores Corrêa da Silva e M. B. Pinto, em dois atos e quatorze quadros, com partitura dos populares compositores J. B. Silva (Sinhô) e J. Freitas. A primeira representação de “Quem fala de nós...” está marcada para o dia 20 do corrente mês.^{lxiii}

“Eu quero é nota!”, na próxima semana. A Companhia Tró-ló-ló vem cuidando com entusiasmo dos ensaios e da montagem da nova revista “Eu quero é nota!”, que sobe à cena no Teatro Carlos Gomes, na próxima semana. Nessa revista, que terá montagem luxuosa, vão estreiar novos artistas, entre os quais Paulo Ferraz, Violeta Ferraz, e Norberto Teixeira. A música de “Eu quero é nota!”, genuinamente nacional, é de autoria dos maestros A. Paraguassu, e J. B. Silva (Sinhô).^{lxiv}

Em primeira apresentação, sobe, hoje, à cena do Recreio, a revista de grande aparato e montagem “Cachorro

quente...” original do escritor Antônio Quintiliano, com partitura dos compositores J. Cristóbal, Sá Ferreira e J. B. Silva (Sinhô).^{lxv}

“É da fuzarca!”, amanhã no Teatro Recreio. Vamos ter amanhã, no Teatro Recreio, as tão ansiosamente esperadas primeiras representações da aparatada e nova revista dos escritores Carlos Bittencourt e Cardoso de Menezes – “É da fuzarca!”, com brilhante partitura dos compositores Cristóbal, Rada, Sá Pereira, Mário Silva, Sinhô, Bonfiglio, Lamartine Babo e Jota Machado, que subirá à cena com riqueza de montagem e luxo de indumentária.^{lxvi}

O sucesso com o Teatro de Revista ajudou Sinhô a popularizar o samba urbano e lhe deu mais fama, tornando-o referência para os jovens cantores Silvio Caldas (1908-1998), Mário Reis e Francisco Alves, que, em início da carreira, tinham repertório formado basicamente com músicas de Sinhô (Giron, 2001). Além do carnaval e do teatro musicado, casas de instrumentos musicais e partituras, a exemplo da Carlos Wehrs & Cia (Rua da Carioca, 47) e da Casa Sotero (Rua da Assembleia, 79), contribuíram para a popularizaram da obra de Sinhô ao comercializar suas produções musicais.^{lxvii}

Em 1926, Sinhô viu suas composições chegarem ao rádio, inclusive participando diretamente de programas radiofônicos na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (a primeira emissora de rádio criada no Brasil, a 20 de abril de 1923) e na Rádio Clube do Brasil (uma das primeiras do Brasil e a segunda no Rio de Janeiro, fundada em 1.º de outubro de 1924):

Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (onda de 400 metros) para hoje: [...] das 8 ½ às 9 ½: Concerto no estúdio da Rádio Sociedade. Direção artística do maestro Luciano Gallet. Programa eclético: 1 – audição de músicas

características populares de J. B. Silva (Sinhô), para violão, canto e piano, sambas, choros, cateretês e canções executadas pelo autor ou sob a sua direção.^{lxxiii}

Rádio Clube do Brasil (onda de 300 metros). Segunda-feira: [...] das 8 horas em diante: audições de canções e músicas regionais por um quinteto dirigido pelo J. B. Silva (Sinhô, o rei do Samba).^{lxxix}

E quando Sinhô começou a ser chamado “o Rei do Samba”? As referências mais antigas na imprensa carioca remontam ao início dos anos 1920:

Os Sambas deste ano. Deixa desse Costume. Publicamos hoje mais uma música de grande sucesso do maestro J. B. Silva (Sinhô), já consagrado, com toda a justiça, como o rei dos sambistas cariocas. A nova composição de Sinhô é o tanguinho carnavalesco “Deixa desse costume”.^{lxxx}

A récita de J. Praxedes. Realiza amanhã, no Teatro Recreio, a sua récita, o conceituado escritor de teatro J. Praxedes, autor da revista “Então eu não sei?!", ora em cena, sucesso naquele teatro. Nessa noite, haverá um novo quadro “O casamento de Rambles com a filha do Porfírio”, com o concurso do popular musicista “Sinhô”, o “rei do samba”, que apresentará o meu maravilhoso grupo de sambista em cena.^{lxxxi}

Sinhô não limitava sua esfera de ação às agremiações carnavalescas e aos teatros musicados, relacionando-se com a elite intelectual carioca do porte do acadêmico Coelho Neto (1864-1934), do maestro modernista Heitor Villa-Lobos (1887-1959) e do jornalista José do Patrocínio Filho (1886-1929).

Em 1925, participou da festa “Tarde Brasileira” patrocinada pelo escritor Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras, no salão nobre do Fluminense Futebol Clube, cujo programa incluía a conferência “Ao pé da

viola...”, pelo pesquisador Leonardo Motta (que, naquele ano, publicou o livro *Violeiros do Norte*), com a participação de Catulo da Paixão Cearense, e, na segunda parte, com a execução de músicas por Sinhô (piano) e Donga (violão).^{lxxii}

Já em 1926, Sinhô apresentou-se ao piano, na festa de réveillon na casa do maestro Villa-Lobos:

Esteve encantadora a festa comemorativa da passagem do ano, em casa do maestro Villa-Lobos. Tudo o que há de mais brasileiro. Nada de Jazz. Um “chorinho” do “tempo do Onça”, tendo ao piano J. B. da Silva, o Sinhô – Rei do Samba. E até se dançaram valsas, daquelas valsas “chorosas”, em que a flauta soluça e os “pinhos” gemem. Um assombro!^{lxxiii}

Em 1927, o encontramos se apresentando no Salão Assírio do Teatro Municipal em chá dançante promovido pela elite carioca em homenagem aos aviadores portugueses que havia feito a primeira travessia aérea noturna do Atlântico Sul:

Domingo, à tarde, realiza-se no Assírio, o chá dançante que um grupo de senhoras brasileiras oferece aos intrépidos tripulantes do “Argos” [...] No intervalo das danças far-se-ão aplaudir em números nacionais típicos brasileiros, dos sertões e das cidades, as atrizes Margarida Max, Lia Binatti, Ivete Rosolen, Dulce de Almeida, os atores Vicente Celestino, Danilo Alves, fazendo os acompanhamentos ao violão o sr. J. B. Silva (Sinhô) e José do Bambo.^{lxxiv}

Além disso, Sinhô organizou, naquele ano, uma “Noite Luso-Brasileira”, no Cine Teatro República, dedicada à Sociedade União dos Estivadores. Na programação, a conferência de José do Patrocínio Filho, sobre Brasil e

Portugal, apresentações de artistas brasileiros e portugueses. Os ingressos foram vendidos na loja Guitarra de Prata e na bilheteria do próprio teatro.^{lxxv}

Em 1929, Sinhô viajou até São Paulo para se apresentar no Theatro Municipal.^{lxxvi} A visita foi saudada pelo escritor modernista Mário de Andrade (1893-1945) em crônica:

Sinhô, autor de “Pelo Telefone”, autor de “Jura”, está em S. Paulo e de pinho em punho. Vai dar um recital com as obras dele, dizem e será uma curiosidade satisfeita escutar Sinhô em carne e osso. Sinhô é poeta e músico. [...] Porém, Sinhô si não é brasileiro, é carioca. Pouco me incomodo em saber onde nasceu. Sinhô é carioca na música e na poesia dele. [...] O carioca é principalmente isso: uma experiência do ser da qual a inteligência se faz simples expectadora. É o divertimento (aliás sem egoísmo) da inteligência que caracteriza especialmente o carioca. [...] Quem for estudar Sinhô perceberá tudo isso nos poemas cantados que ele inventa. É possível que percebam também banalidades na obra dele. Banalidades não. Vulgaridades, as quais serão banalidades apenas pros indivíduos que não sabem reaprender todos os dias, certos fenômenos, certas reações essenciais do “rei dos animais” diante do amor, da pândega e da sociedade. Mas nisso quem tem a culpa não é Sinhô, não é a criança, não é o carioca. É o outro. É o rei dos animais que se supõe culto. Ao passo que Sinhô é o rei do samba que é realmente gozado.^{lxxvii}

Sinhô faleceu em sua cidade natal, a 4 de agosto de 1930, mas as notícias divergem sobre como se deu o fato:

J. B. da Silva, o “Sinhô”, ou melhor, o Rei do Samba, como a cidade inteira o sagrou, faleceu, ontem,

repentinamente, quando se achava em plena Praça 15 de Novembro. Ocorreu tudo num minuto. Um ai que mal se ouviu, o baque de um corpo e as mãos frias da morte cerrando os olhos daquele que foi o maior intérprete da alma popular nos últimos tempos. [...] O corpo de “Sinhô”, com guia das autoridades locais, foi transportado para o necrotério do Hospital Hahnemanniano, onde deverá ser submetido ao necessário exame pericial.^{lxxviii}

Na barca que vindo da Ilha do Governador atraca ao Pharoux pouco antes das 18 horas, foi surpreendido ontem pela morte um homem que se a Fatalidade lhe tivesse cerrado os olhos na época em que a cidade há uns seis anos, tinha ainda aos ouvidos o rumor da canção que fica sempre, palpitante, ainda no Carnaval que se foi, talvez tivesse um terço da população rendendo-lhe, compungida, a homenagem última, na visita ao seu corpo inanimado. Foi ele José Barbosa da Silva, ou simplesmente, o “Sinhô”, o popular musicista, cujas canções de uma modulação essencialmente característica lograram, indubitavelmente estupenda consagração.^{lxxix}

Ontem, o Rei do Samba voltada da ilha, na barca Sétima, à noite. Já andava a tossir. O ar frio do mar provocou-lhe a tosse, Veio uma hemoptise. E ali, no mar, entre a ilha onde ele tinha o seu pouso e a cidade que o consagrara Rei do Samba, Sinhô morreu. José Barbosa da Silva – o Sinhô foi conduzido para o necrotério do Hospital Hahnemanniano, de onde sairá, hoje, o seu enterramento para o Cemitério de São Francisco Xavier.^{lxxx}

Vale registrar que as notícias sobre a morte de Sinhô, divulgadas pela imprensa carioca, trazem informações erradas sobre o seu nome completo, a sua idade, a sua origem (alguns o afirmam baiano) e o seu estado civil (o consideram solteiro), constituindo uma fonte que pode levar

seus biógrafos a erro.

A partir do registro civil, ficamos sabemos que Sinhô não faleceu nem na Praça 15 de Novembro nem na Barca Sétima, vindo da Ilha do Governador, mas no Posto Central de Assistência Pública, na Praça da República (atual Hospital Municipal Souza Aguiar), a 4 de agosto de 1930, sendo sepultado no Cemitério São Francisco Xavier:

Aos cinco dias do mês de agosto de mil novecentos e trinta, nesta Cidade do Rio de Janeiro, em meu cartório compareceu Joaquim Lemos, natural desta Capital, com vinte e oito anos, solteiro, funcionário público, morador na Avenida Salvador de Sá, número quarenta e oito, e exibindo um atestado médico firmado pelo Doutor S. Lima, declarou que no Posto Central de Assistência, ontem, às dezessete horas e cinquenta minutos, faleceu de tuberculose pulmonar hemoptise, José Barbosa da Silva, do sexo masculino, de cor parda, com quarenta e três anos de idade, viúvo, compositor, brasileiro, morador na Rua Pio Dutra, número quarenta e quatro. O corpo está depositado no necrotério da Saúde Pública e vai ser sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier.^{lxxxii}

No dia seguinte ao enterro, sua última companheira, Nair, com quem vivia na Ilha do Governador, e a sua filha Ida Barbosa, foram vistas na loja Guitarra de Prata (Rua da Carioca, 37), em busca de eventuais créditos a receber, a fim de quitar as dívidas com o sepultamento. Sinhô vivia de seus sambas e não deixou outros bens além de suas composições.^{lxxxiii}

Considerações finais

A pesquisa no Arquivo Nacional, no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro e na Biblioteca Nacional nos permitiu lançar luz sobre a família e a vida de Sinhô, inclusive, corrigindo dados biográficos divulgados equivocadamente por seu principal biógrafo.

Com uma obra reverberando no carnaval, no teatro, nas primeiras rádios, nos salões de elite e nas lojas, Sinhô pode ser considerado o compositor carioca mais importante dos anos 1920, tendo contribuído para o processo de nacionalização do samba, apesar de não ter vivido para testemunhar a ascensão do samba a posição de música nacional, após a Revolução de 1930.

Com grande influência junto às primeiras gravadoras que se estabeleceram no Rio de Janeiro, Sinhô, que era pardo e membro de uma família socialmente embranquecida, distinguia-se dos demais sambistas cariocas, tanto os da Praça Onze, quanto do Estácio, em sua grande maioria negros e com eles travou polêmicas desde a gravação de “Pelo Telefone”, em 1917.

Os sambas de Sinhô retratam a sociedade carioca dos anos 1920, notadamente os dilemas das camadas mais populares, e podem ser situados entre a tradição dos sambistas da Praça Onze, já que começou como pianista de gafieira na Cidade Nova e frequentador das casas das tias baianas, e os sambistas do bairro do Estácio, que reelaboraram o samba produzido nas casas das tias baianas.

O grande mérito de Sinhô foi ter estabelecido uma ponte entre o samba da Pequena África e as classes mais altas da sociedade carioca, a partir do carnaval e das apresentações nos teatros da Praça Tiradentes, o que impulsionou a venda de discos, bastando lembrar que os jovens Silvio Caldas, Francisco Alves e Mário Reis foram por ele lançados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBIN, Ricardo Cravo. **O Livro de Ouro da MPB**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ALENCAR, Edigar de. **Nosso Sinhô do Samba**. 2 ed. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.
- BARBOSA, Orestes. **Samba: sua história, seus poetas, seus músicos e seus cantores**. Rio de Janeiro: Livraria Educadora, 1933.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos, um Hausmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- CASTRO, Hebe Maria Mattos de. **Das Cores do Silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista – Brasil, século XIX**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- EFEGÊ, Jota. **Ameno Resedá: o rancho que foi escola (documentário do carnaval carioca)**. 2 ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.
- FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. Lisboa: Difel, 1972.
- GARDEL, André. **O encontro entre Bandeira e Sinhô**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1996.
- GERSON, Brasil. **História das ruas do Rio**. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira, 1965.
- GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.
- GIRON, Luís Antônio. **Mário Reis, o fino do samba**. São Paulo: 34, 2001.
- IANNI, Octávio. **Raças e classes sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- MAUL, Carlos. **O Rio da Bela Época**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1968.
- MONTEIRO, Bianca Miucha Cruz. **Sinhô: A Poesia do Rei do Samba**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.
- RANGEL, Lúcio. **Samba, Jazz & outras notas**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- SANDRONI, Carlos. **Feitiço Decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- SANTOS, Jocélio Teles. De pardos disfarçados a brancos pouco claros: classificações raciais no Brasil dos

séculos XVIII-XIX. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 32, 2005.

SANTOS, Noronha. **As Freguesias do Rio Antigo**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Brabas do Imperador**: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVERINO, Jairo. **Uma História da Música Popular Brasileira**: das origens à modernidade. São Paulo: 34, 2008.

TINHORÃO, José Ramos. **Música Popular**: Teatro & Cinema. Petrópolis: Vozes, 1972.

VALENÇA, Rachel. **Carnaval**: para tudo se acabar na quarta-feira. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

VASCONCELOS, Ary. **A nova música da República velha**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1985.

VASCONCELOS, Ary. **Panorama da Música Popular Brasileira na Belle Époque**. Rio de Janeiro: Livraria Sant'Anna, 1977.

VENÂNCIO, Renato Pinto. **Famílias abandonadas**: assistência à criança de camadas populares no rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX. Campinas: Papirus, 1999.

VIANNA, Hermano. **O Mistério do Samba**, 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; EDUFRJ, 2007.

Notas

- ⁱ Biblioteca Nacional. O Imparcial, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1922, p. 5; O Paiz, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1928, p. 7.
- ⁱⁱ Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Paróquia de Santo Antônio dos Pobres, Rio de Janeiro, Livro de Registro de Batismos (1887-1890), fl. 32v.
- ^{xiii} Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Paróquia de Santo Antônio dos Pobres, Rio de Janeiro, Livro de Registro de Batismos (1887-1890), fl. 134.
- ⁱⁱⁱ Arquivo Nacional. 1.^a Pretoria Cível do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Óbitos (1918), fl. 29v.
- ^{xiv} Arquivo Nacional. 5.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1894), fl. 82v.
- ^{iv} Arquivo Nacional. 4.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1906), fl. 159v.
- ^{xv} Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Paróquia de Santo Antônio dos Pobres, Rio de Janeiro, Livro de Registro de Batismos (1894-1896), fl. 26.
- ^v Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Paróquia de São José, Rio de Janeiro, Livro de Registro de Batismos (1906-1908), fl. 100.
- ^{xvi} Arquivo Nacional. 5.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1895), fl. 155.
- ^{vi} Arquivo Nacional. 8.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1910), fl. 170v.
- ^{xvii} Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Paróquia de São José, Rio de Janeiro, Livro de Registro de Casamentos (1916-1922), fl. 167.
- ^{vii} Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Paróquia de São José, Rio de Janeiro, Livro de Registro de Batismos (1912-1913), fl. 131.
- ^{xviii} Arquivo Nacional. 5.^o Pretoria Cível do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Óbitos (1929), fl. 39.
- ^{viii} Arquivo Nacional. 1.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1913-1914), fl. 194v.
- ^{xix} Arquivo Nacional. 5.^o Pretoria Cível do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1922), fl. 62.
- ^{ix} Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Paróquia de São José, Rio de Janeiro, Livro de Registro de Batismos (1914-1915), fl. 65.
- ^{xx} Arquivo Nacional. 5.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Óbitos (1897-1898), fl. 115v.
- ^x Arquivo Nacional. 3.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1918), fl. 165v.
- ^{xxi} Arquivo Nacional. 5.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1897-1898), fl. 53v.
- ^{xi} Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Paróquia de São José, Rio de Janeiro, Livro de Registro de Batismos dos Pobres, Rio de Janeiro, Livro de

Registro de Batismos (1896-1897), fl. 147.

xxiii Arquivo Nacional. 5.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Óbitos (1897-1898), fl. 148.

xxiv Arquivo Nacional 5.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1899), fl. 138.

xxv Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Paróquia de Santo Antônio dos Pobres, Rio de Janeiro, Livro de Registro de Batismos (1899-1901), fl. 9.

xxvi Arquivo Nacional 5.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Óbitos (1891-1892), fl. 17.

xxvii Biblioteca Nacional. Almanak Laemmert, Rio de Janeiro, 1870, p. 624.

xxviii Biblioteca Nacional. Almanak Laemmert, Rio de Janeiro, 1891, p. 1360.

xxix Biblioteca Nacional. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1892, p. 4.

xxx Biblioteca Nacional. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 26 de junho de 1892, p. 4.

xxxi Arquivo Nacional. 5.^o Pretoria Cível do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Óbitos (1929), fl. 39.

xxxii Arquivo Nacional. 5.^o Pretoria Cível do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1922), fl. 62.

xxxiii Arquivo Nacional. 4.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1904-1905), fl. 72.

xxxiv Arquivo Nacional. 4.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1906), fl. 159v.

xxxv Arquivo Nacional. 4.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1906), fl. 159v.

xxxvi Arquivo Nacional. 6.^o Pretoria Cível do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1905-1908), fl. 130v.

xxxvii Arquivo Nacional. 5.^o Pretoria Cível do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1922), fl. 62.

xxxviii Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Paróquia de Santo Antônio dos Pobres, Rio de Janeiro, Livro de Registro de Batismos (1887-1890), fl. 32v

xxxix Biblioteca Nacional. Almanak Laemmert, Rio de Janeiro, 1892, p. 539; Almanak Laemmert, Rio de Janeiro, 1897, p. 440.

xl Arquivo Nacional. 13.^a Pretoria Cível do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Casamentos (1903-905), fl. 90

xli Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Paróquia de São José, Rio de Janeiro, Livro de Registro de Batismos (1912-1913), fl. 194v.

xlil Arquivo Nacional. 4.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro Nascimentos (1904-1905), fl. 72.

xlili Arquivo Nacional. 6.^o Pretoria Cível do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Nascimentos (1905-1908), fl. 130v.

xliv Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Paróquia de São José, Rio de Janeiro, Livro de Registro de Batismos (1906-1908), fl. 153.

xlv Arquivo Nacional. 2.^a Pretoria Cível do Rio de Janeiro (Livro de Registro de Casamentos (1930-1931), fl. 159v.

xlvi Cartório da 12.^a Circunscrição do Registro Civil de Pessoas Naturais do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Óbitos (1997), fl. 36.

xlvii Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Paróquia de São José, Rio de Janeiro, Livro de Registro de Batismos

(1912-1913), fl. 194v.

^{xlvi} Biblioteca Nacional. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1912, p. 11.

^{xlvi} Biblioteca Nacional. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1913, p. 12.

^l Biblioteca Nacional. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1914, p. 13.

^{li} Biblioteca Nacional. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 de julho de 1915, p. 11.

^{lii} Biblioteca Nacional. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1916, p. 13.

^{liii} Biblioteca Nacional. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1917, p. 9.

^{liv} Biblioteca Nacional. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1917, p. 17.

^{lv} Biblioteca Nacional. *A Época*, Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1918, p. 5.

^{lvi} Biblioteca Nacional. *Rio Jornal*, Rio de Janeiro, 5 de março de 1919, p. 5; *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1919, p. 5.

^{lvii} Biblioteca Nacional. *A Noite*, Rio de Janeiro, 9 de março de 1918, p. 3.

^{lviii} Biblioteca Nacional. *A Rua*, Rio de Janeiro, 3 de abril de 1919, p. 5.

^{lix} Biblioteca Nacional. *A Razão*, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1920, p. 5.

^{lx} Biblioteca Nacional. *A Noite*, Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1920, p. 7.

^{lxi} Biblioteca Nacional. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1921, p. 21.

^{lxii} Biblioteca Nacional. *A Noite*, Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1926, p. 7.

^{lxiii} Biblioteca Nacional. *A Noite*, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1926, p. 5.

^{lxiv} Biblioteca Nacional. *A Noite*, Rio de Janeiro, 27 de junho de 1928, p. 5.

^{lxv} Biblioteca Nacional. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1928, p. 8.

^{lxvi} Biblioteca Nacional. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1928, p. 6.

^{lxvii} Biblioteca Nacional. *A Noite*, Rio de Janeiro, 1.º de agosto de 1925, p. 8; *A Noite*, Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1927, p. 5.

^{lxviii} Biblioteca Nacional. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 de março de 1926, p. 4.

^{lxix} Biblioteca Nacional. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1926, p. 3.

^{lxx} Biblioteca Nacional. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1920, p. 6.

^{lxxi} Biblioteca Nacional. *A Noite*, Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1921, p. 11.

^{lxxii} Biblioteca Nacional. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1.º de maio de 1925, p. 6.

^{lxxiii} Biblioteca Nacional. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 de janeiro de 1926, p. 5.

^{lxxiv} Biblioteca Nacional. *O Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1927, p. 5.

^{lxxv} Biblioteca Nacional. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 de junho de 1927, p. 14.

^{lxxvi} Biblioteca Nacional. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de maio de 1929, p. 8.

^{lxxvii} Biblioteca Nacional. *Diário Nacional*, São Paulo, 11 de maio de 1929, p. 3.

^{lxxviii} Biblioteca Nacional. *Crítica*, Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1930, p. 2.

^{lxxix} Biblioteca Nacional. *A Batalha*, Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1930, p. 4.

(1930), fl. 194v.

^{lxxx} Biblioteca Nacional. A Noite, 5 de agosto de 1930, p. 8.

^{lxxxii} Biblioteca Nacional. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1930, p. 8.

^{lxxxi} Arquivo Nacional. 3.^a Pretoria do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Óbitos